

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 15 | N.º 116 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Estudo dos *grafitos* nas moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio (Lousada): procedimentos e resultados

Manuel Nunes* e Paulo Lemos**

1. Introdução

Após uma primeira e inédita incursão no universo das insculpturas presentes nas paredes das moagens tradicionais que pontuam os cursos de água do concelho de Lousada (Nunes e Lemos, 2013), retomamos e subsidiamos esta temática com a publicação do presente texto que alarga o âmbito geográfico do estudo dos *grafitos*¹ às restantes estruturas de moagem inventariadas ao longo dos dois principais cursos de água deste território: os rios Sousa e Mezio. Pese embora a presença destes motivos em moinhos de água do concelho de Lousada não constituir, *per si*, facto digno de nota, tanto mais que essa ocorrência encontra paralelo em muitas outras regiões do território português (Guita, 1999), já a sua inclusão como uma das linhas primordiais de investigação do Projeto MUNHOS², visando a definição e validação de metodologias científicas que permitam, doravante, a inclusão dos *grafitos* nos estudos de molinologia, constitui um avanço significativo nesta matéria, tanto mais que se trata de um património aparentemente invisível aos olhos da maioria dos investigadores e, por isso, fortemente ameaçado pelo abandono, pela destruição e até por incoerentes projetos de recuperação arquitetónica de muitos moinhos de água.

2. Critérios e métodos de inventário

A identificação, o levantamento e o estudo dos *grafitos* localizados nos moinhos de água dos rios Sousa e Mezio, obedeceu a um conjunto de normas estabelecidas *a priori* como condição para a validação científica dos dados obtidos. Deste modo, definiram-se critérios de elegibilidade para as representações gráficas identificadas (e.g. relação cultural com a estrutura), elaboraram-se modelos bidimensionais de representação dos *grafitos* (e.g. criação de simbologias e códigos alfanuméricos) e produziram-se suportes normalizados de registo através,

designadamente, da conceção de uma ficha de inventário cujos descritores foram compartimentados em categorias, de modo a facilitar o seu preenchimento em campo e posterior tratamento em gabinete (número de *grafitos* identificados; localização relativa na estrutura; suporte utilizado; medidas do painel e de cada um dos *grafitos* (espessura, altura, largura, profundidade); orientação; descrição; fontes orais; tipologia e, sempre que possível, contextualização crono-cultural). No que respeita ao levantamento gráfico propriamente dito, recorreu-se à fotografia digital (fotografia de eixo horizontal perpendicular às paredes ornadas e, quase sempre, com auxílio de luz artificial rasante) e ao desenho, quer dos *grafitos* (neste caso com recurso ao levantamento monocromático e ao decalque em filme plástico de polietileno de baixa gramagem, de modo a possibilitar uma maior precisão na captação das ínfimas variações dos traços), quer das próprias estruturas (sempre que tal se revelou necessário, procedeu-se ao levantamento manual e à vectorização dos alçados e/ou secções das estruturas, à escala 1/20).

3. *Grafitos*: tipologia, diversidade e abundância

Do total de 64 moinhos inventariados ao longo dos rios Sousa e Mezio, 39% (n=25) ostentavam *grafitos*. Destes, 64% (n=16) foram identificados em moinhos localizados no rio Mezio e apenas 36% (n=9) em moinhos localizados no rio Sousa (Tab.1). Malgrado a identificação de um número significativo de moinhos grafitados, existe uma disparidade evidente entre os moinhos com e sem motivos gravados. Este facto parece encontrar justificação no carácter “industrial” de algumas das moagens identificadas, cujos moleiros, sendo rendeiros, não tinham qualquer ligação à estrutura pré-existente; no facto de muitas moagens evidenciarem reconstruções e reformas sucessivas, e, finalmente, na própria cronologia de algumas estruturas de moagem, cuja origem remonta, frequentemente,

* Arqueólogo. Projeto MUNHOS. Manuel.Nunes@cm-lousada.pt

** Arqueólogo. Projeto MUNHOS. paplemos@gmail.com

¹ Neste contexto, entende-se como *grafito* toda a representação gráfica tanto gravada, como incisa, estampada ou pintada (isolada ou em conjuntos), resultante da ação humana e que utiliza como suporte materiais pétreos e ou revestimentos (reboco, argamassa) das estruturas de moagem.

² O Projeto MUNHOS propõe-se inventariar todas as estruturas hidráulicas de moagem de cereais (moinhos e azenhas) existentes no concelho de Lousada, com vista à criação de uma Carta Molinológica e de um plano de gestão que permita determinar as áreas de zonamento e proteção aos moinhos, bem como as formas de intervenção com vista à sua recuperação.

	Freguesia	Rio Mezio (MEZ)					Total de registos	Frequência relativa	Rio Sousa (SOU)					Total de registos	Frequência relativa	Frequência absoluta (MEZ + SOU)	Total
		Lustosa	Sousela	Ordem	Casais	Nevogilde			Torno	Vilar do Torno	Aveleda	Pias	Meinedo				
Tipologia de cruciformes	C1		13	3	17	33	66	33,9%		3	1	1	4	9	42,8%	34,7%	64% (n=139)
	C2	1	1			6	8	4,1%					1	1	4,8%	4,2%	
	C3		2		2	6	10	5,1%					4	4	19,1%	6,5%	
	C4		2	1	1	12	16	8,2%						0	0,0%	7,4%	
	C5		3		4	3	10	5,1%						0	0,0%	4,6%	
	C6				3	2	5	2,6%						0	0,0%	2,3%	
	C7				1	3	4	2,10%						0	0,0%	1,6%	
	C8					2	2	1,0%						0	0,0%	0,9%	
	C9		1		1		2	1,0%						0	0,0%	0,9%	
	C10		1		1		2	1,0%						0	0,0%	0,9%	
Outros motivos	Inscrição		4		3	5	12	6,2%	3			1		4	19,1%	7,5%	36% (n=77)
	Fitomorfo		1				1	0,5%						0	0,0%	0,4%	
	Antropomorfo		1				1	0,5%						0	0,0%	0,4%	
	Esquemático		4		10	15	29	14,9%						0	0,0%	13,4%	
	Indeterminado		3	3	15	6	27	13,8%					3	3	14,3%	13,9%	
Total							195	100%	Total					21	100%	100%	100% (n=216)

Tabela 1

te, à 1ª metade do século XX³, traduzindo, por isso, uma nova realidade económica e sócio-cultural.

Todos os *grafitos* identificados foram produzidos por precursão indireta com um objeto contundente, muito possivelmente em metal, com o subsequente desgaste do suporte que, nos casos estudados, foi sempre o granito. Talvez por isso, as formas de muitos dos *grafitos* identificados se revelem pouco precisas, com a largura do traço a variar entre o mínimo de 0,8 cm e o máximo de 4,2 cm, e a profundidade da gravação a oscilar entre os 0,3 cm e os 2,3 cm. No entanto, estas variabilidades dependem tanto da localização escolhida para a gravação do motivo, como do motivo em si, já que as *inscrições*, por exemplo, independentemente da localização ou do suporte (granito de granulometria fina ou grossa), apresentam sempre traços mais delgados e precisos, quando comparadas com a maioria dos *cruciformes* cuja execução aparenta um menor investimento técnico. Apesar da localização dos *grafitos* variar de moinho

para moinho, parece existir uma clara predileção pela gravação de *cruciformes* nas portas⁴. Igualmente recorrentes são as gravações nas paredes, sobretudo externas, já que internamente o reboco das paredes não propiciava a gravação. De facto, é provável que, nestes casos, ao invés de gravados, os *grafitos* fossem incisos (inscritos a ponta seca sobre o reboco) ou pintados⁵, razão pela qual muito poucos chegaram à atualidade.

A tipificação dos *grafitos* arrolados nas moagens dos rios Sousa e Mezio constitui um dos aspetos mais marcantes deste estudo, permitindo a definição de grupos tipológicos com base nas características morfológicas de cada insculptura. Assim, no universo de 216 *grafitos* identificados, os *cruciformes* surgem largamente preponderantes (64%, n=139), tendo sido definidas 10 tipologias distintas (Tab.2). Os grupos de *cruciformes* mais disseminados e mais frequentes correspondem às tipologias de execução mais simples (tipos C1 a C5), perfazendo 89,1% (n=124) do

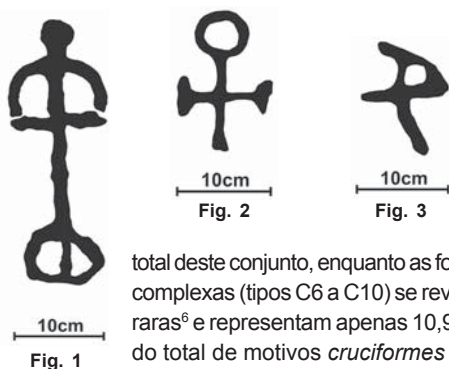
³ Inserem-se neste grupo, por exemplo, os 4 moinhos associados a engenhos de serração hidráulicos identificados nos rios Mezio (n=3) e Sousa (n=1).

⁴ A título exemplificativo registe-se que 22 (88%) dos 25 moinhos com *grafitos* arrolados apresentam insculpturas nas respetivas ombreiras.

⁵ No Moinho do Maneta (SOU17), numa parede divisória interna construída em taipa, foram identificados vestígios de motivos incisos conjugados com elementos policromáticos que indiciam tal prática.

Tipologia	Motivo	Descrição	Código
Cruz simples (Grega e latina)		Cruz ou cruciforme simples (grego ou latino), de braços retos rematados em forma subcircular. O pé e o topo rematam em forma reta ou subcircular. Subsistem formas intermédias onde se regista o estreitamento ou alargamento dos braços e/ou do pé, conferindo-lhes forma cónica.	C1
Cruciforme de braços invertidos		Cruciforme de braços invertidos com ambos os braços (retos ou curvilíneos) orientados para cima, para baixo, com orientação distinta ou apenas um dos braços a apresentar uma orientação divergente em relação ao eixo do cruciforme. O pé e o topo rematam de forma reta ou subcircular, enquanto os braços rematam de forma subcircular.	C2
Cruciforme de base subtriangular		Cruz ou cruciforme latino de base sub-triangular simples ou composta, com pé alto reto, por vezes dividido em segmentos oblíquos. Os braços apresentam-se perpendiculares ao eixo do cruciforme. O topo remata de forma subcircular, subtriangular ou reta. Os braços rematam de forma subcircular ou reta.	C3
Cruciforme de base subcircular		Cruz ou cruciforme latino com o pé assente em base subcircular ou espiralada. Os braços apresentam-se perpendiculares ou invertidos em relação ao eixo do cruciforme, rematando em forma subcircular ou reta. O topo remata em forma subcircular ou sub-triangular.	C4
Cruciforme de base subretangular		Cruciforme latino, por vezes decorado, com o pé assente em base subretangular centrada, ou não, com o eixo do cruciforme. Em alguns casos, a base evidencia decoração lateral rematada de forma subtriangular. Os braços apresentam-se perpendiculares ou invertidos, rematando de forma subcircular, reta ou subtriangular. O topo remata em forma subcircular ou sub-triangular.	C5
Cruciforme com elementos independentes		Cruciforme constituído por elementos independentes (linhas retas, linhas serpentiformes, formas circulares ou sub-circulares) que podem, ou não, estar associados a uma cruz de raiz latina. Em alguns casos, o cruciforme apresenta um eixo central simples e retilíneo, serpentiforme ou com o topo e o pé rematando de forma semicircular.	C6
Cruciforme compósito		Cruciforme formado pela sobreposição de cruces ou cruciformes de raiz latina, mantendo em comum o mesmo eixo central. O topo e o pé rematam de forma subcircular ou reta. Os braços apresentam-se perpendiculares ao eixo ou invertidos, rematando de forma subcircular.	C7
Cruciforme de base semicircular		Cruciforme de raiz latina ou tipo caravaca, decorado, com base em forma semicircular dividida em dois quadrantes por um eixo vertical. O topo remata de forma subcircular e os braços superiores, que se encontram perpendiculares ao eixo do cruciforme, apresentam forma curvilínea invertida (ambos orientados para cima ou para baixo). Os braços inferiores, quando existem, são retos.	C8
Cruciforme invertido		Cruciforme invertido de raiz latina (tipo cruz de S. Pedro) ou grega (tipo cruz gnóstica). O pé e os braços rematam em forma subcircular ou subtriangular. O topo apresenta-se decorado, rematando com um prolongamento diagonal ou com um elemento subcircular.	C9
Cruciforme tipo caravaca		Cruciforme tipo caravaca. Os braços inferiores apresentam-se retos e perpendiculares ao eixo do cruciforme, rematando de forma subcircular. Os braços superiores que rematam também em forma subcircular, apresentam-se perpendiculares ao eixo do cruciforme mas com as extremidades total ou parcialmente invertidas. O topo remata de forma subcircular e o pé ostenta forma subcircular.	C10

Tabela 2



total deste conjunto, enquanto as formas mais complexas (tipos C6 a C10) se revelam mais raras⁶ e representam apenas 10,9%, (n=15) do total de motivos *cruciformes* identificados. De entre esses motivos, alguns remetem-nos, pela sua significação, para uma realidade cultural assaz complexa. É o caso do cruciforme tipo C8, de base semicircular, identificado no *Moinho da Ponte 1* (MEZ34) (Fig.1) que, pelo facto de apresentar uma base constituída por um “bolbo” (duplo semicírculo), tanto se pode relacionar com as cruzes que emergem do Sagrado Coração de Jesus, como ser associado à evolução estilizada de uma cruz processional (Cressier, 1986:280-289). Por outro lado, o cruciforme enquadrado no tipo C9, (Fig.2) identificado no *Moinho do Ribeiro* (MEZ25), não é mais que uma versão tosca e justaposta da cruz ansada (egípcia) e da cruz de Santo António (cruz de Tau). Finalmente, uma última nota para um cruciforme singular, exclusivo do *Moinho da Devesa 1* (MEZ36) e que interpretamos como a simplificação do antigo monograma de Cristo da época de Constantino (Fig.3) em que o “X” e o “P”, as duas primeiras letras de *Χριστός* (designação grega para Cristo), se sobrepunham diagonalmente.

Foram igualmente registados *grafitos* do tipo *inscrição*, *fitomorfo*, *antropomorfo* (Fig.4), *esquemático* e, quando de interpretação dúbia, *indeterminado*. De facto, a ocorrência de 77 registos (36%) incluídos nos “outros motivos” mostra quão diversas eram as motivações que levavam à produção de *grafitos* em estruturas de moagem. Efetivamente, se a gravação de *cruciformes* parece encontrar justificação no caráter supersticioso do moleiro e na reiterada tentativa de exorcizar o seu espaço de vivência, defendendo-o das influências dos espíritos maléficos e das imprevisibilidades dos elementos (Nunes e Lemos, 2013:1; Nunes e Lemos, no prelo:150), a produção de *grafitos* de desenho e de texto, à laia do que era prática na época medieval (Barroca e Alarcão, 2012:172), remete-nos antes para aspetos da vivência quotidiana, cuja materialização tanto se pode aferir através da representação de motivos de inspiração vegetalista e formas antropomorfizadas, como pela gravação de datas memorativas ou dos nomes dos respetivos moleiros. Mais difícil, no entanto, afigura-se a interpretação de gravações do tipo *esquemático* as quais, recorrentemente, remetem para tentativas de estruturação do real através do recurso a uma linguagem simbólica cuja aceção iconográfica, frequentemente composta em função de um evento pessoal, apenas se revela inteligível quando interpretada à luz do psiquismo humano onde o simbolismo parece traduzir o esforço individual de dominar o destino. (Fig.5).

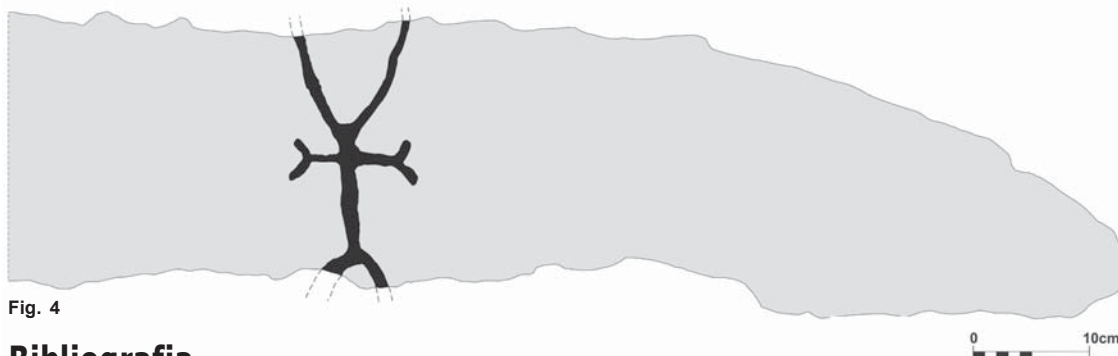
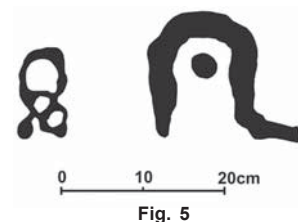


Fig. 4

Bibliografia

- BARROCA, M. e ALARCÃO, J. (2012) - Dicionário de Arqueologia Portuguesa. Porto: Figueirinhas.
- CRESSIER, P. (1986) - Graffiti cristianos sobre monumentos musulmanes de la Andalucía oriental: una forma de exorcismo popular. In *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*. Huesca. Abril 1985. Tomo. I, p. 273-291.
- GUITA, R. (1999) - *Engenhos Hidráulicos Tradicionais*. Instituto de Conservação da Natureza/Parque Natural do Vale do Guadiana.

- NUNES, M. e LEMOS, P. (2013) - Estudo de grafitos em moinhos de água no concelho de Lousada: o caso do Moinho da Devesa 1 (Nevogilde). Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 14. 3ª Série. N.º 108. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.
- NUNES, M. e LEMOS, P. (No prelo) - Projeto MUNHOS: inventário das moagens tradicionais dos rios Sousa e Mezio no concelho de Lousada. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º 6. Lousada: CML, p.105-165.

⁶ Curiosamente, estas tipologias de *grafitos* são exclusivas dos moinhos do rio Mezio.